

CONTRASTE NO DISCURSO: *MAS* E *ACONTECE QUE* NA INTERFACE ENTRE ARGUMENTAÇÃO E MEDS

Ana Cláudia Machado dos Santos¹

RESUMO: Este artigo analisa o funcionamento dos conectores *mas* e *acontece que* na organização de relações contrastivas no discurso, com base em dados do domínio jornalístico. O estudo articula diferentes perspectivas teóricas, incluindo a noção de articuladores textuais (Koch; Elias, 2016), a abordagem argumentativa das construções do tipo P *mas* Q (Anscombre; Ducrot, 1983), a descrição semântico-funcional do conector *mas* (Neves, 2000) e a proposta construcional de marcadores estruturantes do discurso (Traugott, 2022). Metodologicamente, adota-se a representação estrutural D1 - conector - D2, utilizada para examinar como diferentes unidades linguísticas organizam a progressão argumentativa no texto. A análise mostra que *mas* atua como conector prototípico de contraste, articulando segmentos no interior do período e atribuindo maior peso interpretativo ao segundo segmento. Já o conector *acontece que* instancia o mesmo subesquema contrastivo de forma não prototípica, introduzindo frequentemente um fato ou evento que altera o enquadramento interpretativo previamente construído no discurso. Os resultados evidenciam que conectores de origens distintas podem desempenhar funções semelhantes na organização das relações contrastivas do texto, embora produzam efeitos discursivos específicos.

PALAVRAS-CHAVE: conectores discursivos; contraste; *mas*; *acontece que*; marcadores estruturantes do discurso.

1 Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Introdução

As relações de contraste no discurso não dependem apenas de valores lógico-sintáticos, mas também de mecanismos que organizam a progressão textual e orientam a interpretação do leitor. Entre esses mecanismos, destacam-se os conectores textual-discursivos, responsáveis por articular segmentos do texto e por conduzir percursos interpretativos específicos.

Nos estudos da Linguística Textual, elementos desse tipo têm sido descritos sob diferentes denominações. Koch e Elias (2016), por exemplo, utilizam o termo articuladores textuais para designar unidades linguísticas que estabelecem relações entre porções do texto e contribuem para a organização da progressão discursiva. No presente trabalho, tais elementos são tratados como conectores textual-discursivos, isto é, unidades que atuam na conexão entre segmentos textuais e na orientação da interpretação discursiva.

Entre os conectores do português, *mas* ocupa posição central. Tradicionalmente classificado como conjunção coordenativa adversativa, esse item tem sido descrito, em perspectiva funcional, como elemento capaz de expressar diferentes nuances semântico-discursivas, entre elas contraposição, restrição e eliminação do conteúdo precedente (Neves, 2000). Na teoria da argumentação na língua, proposta por Anscombre e Ducrot (1983), construções do tipo P *mas* Q organizam a relação entre dois segmentos orientados para conclusões distintas, sendo o segundo responsável por reorientar a interpretação sugerida pelo primeiro.

Ao lado de *mas*, o português dispõe também de outras construções que participam da organização de relações contrastivas no discurso. Entre elas, destaca-se *acontece que*, cuja função ultrapassa o valor lexical do verbo *acontecer* e passa a atuar na estruturação do texto, introduzindo segmentos que alteram o enquadramento interpretativo previamente construído.

Nos estudos recentes sobre organização discursiva e mudança construcional, elementos desse tipo têm sido descritos como marcadores estruturantes do discurso (MEDs), isto é, unidades responsáveis por organizar a relação entre segmentos discursivos e orientar o processamento interpretativo do texto (Traugott, 2022). À luz dessa abordagem, o presente artigo investiga o funcionamento dos conectores *mas* e *acontece que* como realizadores de contraste no português contemporâneo.

Parte-se da hipótese de que, embora ambos possam introduzir relações contrastivas entre segmentos discursivos, esses dois itens apresentam comportamentos distintos quanto à sua posição estrutural no texto, aos efeitos argumentativos produzidos e ao tipo de reorientação interpretativa que introduzem. Com base em dados extraídos do *Corpus NOW*², busca-se descrever o funcionamento desses conectores e discutir em que medida *mas* e *acontece que* representam estratégias distintas de organização do contraste no discurso.

Além desta introdução, o artigo organiza-se da seguinte forma: na primeira seção, apresenta-se o quadro teórico que articula contribuições da Linguística Textual, da abordagem semântico-funcional dos conectores, da Teoria da Argumentação e da perspectiva construcional dos marcadores estruturantes do discurso; na segunda seção, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados; na terceira, desenvolve-se a análise dos dados, com foco no funcionamento dos conectores *mas* e *acontece que* na organização de relações contrastivas; a quarta seção reúne as considerações finais do estudo, seguidas das referências.

2 Os dados foram extraídos do corpus NOW (News on the Web), integrante do Corpus do Português, desenvolvido por Mark Davies. O corpus reúne bilhões de palavras provenientes de jornais e revistas on-line de diversos países de língua portuguesa, sendo atualizado continuamente e permitindo o acompanhamento de usos contemporâneos da língua.

Organização discursiva, operadores argumentativos e conectores de contraste

Articuladores textuais e progressão discursiva

A organização do discurso depende de mecanismos linguísticos que articulam porções do texto e orientam sua interpretação. Na perspectiva de Koch e Elias (2016), esses elementos são descritos como articuladores textuais, responsáveis por estabelecer relações entre segmentos textuais e por orientar a progressão discursiva. Entre esses articuladores, incluem-se aqueles que desempenham funções discursivo-argumentativas de contraste, encadeando segmentos de modo a direcionar a interpretação do enunciado.

No presente estudo, os elementos analisados são tratados como conectores textual-discursivos, denominação próxima da proposta por Koch e Elias (2016), já que ambos os termos remetem a unidades que atuam na articulação da progressão textual. As autoras distinguem ainda três níveis de organização textual: o *microestrutural*, ligado à articulação no interior dos períodos; o *intermediário*, relacionado com o encadeamento entre períodos e parágrafos; e o *global*, voltado à organização do texto como um todo.

Essa perspectiva mostra-se especialmente relevante no domínio jornalístico. Como observa Marcuschi (2008), os gêneros textuais mobilizam sequências tipológicas distintas, e, no caso dos gêneros jornalísticos, os trechos específicos em que tais conectores se inserem são predominantemente as sequências expositivas e argumentativas. Nesse contexto, os conectores textual-discursivos desempenham papel decisivo na organização da progressão argumentativa, indicando relações de contraste, ressalva ou reorientação interpretativa.

Operadores argumentativos e a estrutura P mas Q

A relação de contraste estabelecida por conectores como *mas* foi amplamente discutida na teoria da argumentação na língua, proposta por Anscombre e Ducrot (1983). Nessa abordagem, determinados elementos linguísticos atuam como operadores argumentativos, isto é, unidades responsáveis por orientar a interpretação dos enunciados e por indicar o percurso argumentativo a ser seguido pelo interlocutor.

Um dos modelos mais conhecidos dessa teoria é a estrutura *P mas Q*, em que dois segmentos discursivos são articulados pelo conector *mas*. Segundo Anscombre e Ducrot (1983), o primeiro segmento orienta o interlocutor para determinada conclusão, enquanto o segundo introduz um argumento que conduz a uma conclusão distinta ou contrária, reorientando o percurso interpretativo inicialmente sugerido. Nesse sentido, *mas* não apenas estabelece oposição entre segmentos, mas também indica uma hierarquia argumentativa, em que o segundo tende a apresentar maior força interpretativa.

O conector mas na literatura gramatical e funcional

Tradicionalmente, o conector *mas* é classificado pelas gramáticas normativas como uma conjunção coordenativa adversativa. Nessa perspectiva, seu papel principal seria o de estabelecer uma relação de oposição entre duas orações coordenadas. Cunha e Cintra (2001), contudo, já reconhecem que esse item pode expressar valores como restrição, retificação, compensação e mudança de assunto, o que evidencia a complexidade de seu funcionamento discursivo.

Nesse panorama, estudos de orientação funcional e discursiva têm demonstrado que o funcionamento desse elemento ultrapassa a simples relação adversativa descrita pelas gramáticas tradicionais. Em perspectiva funcional, Neves (2000) propõe que

o conector *mas* apresenta dois valores semânticos básicos: o da contraposição e o da eliminação. No primeiro caso, o conteúdo do segmento introduzido por *mas* admite parcialmente o conteúdo expresso no segmento anterior, porém posiciona-se de forma a contrapô-lo ou relativizá-lo. No segundo caso, ocorre a anulação ou rejeição do conteúdo previamente apresentado, sendo o segundo segmento responsável por invalidar a interpretação sugerida pelo primeiro.

A interpretação de Anscombre e Ducrot (1983) encontra respaldo na descrição proposta por Neves (2000), que analisa o funcionamento do conector *mas* no português contemporâneo e mostra que as relações adversativas não se limitam à simples oposição entre conteúdos. Segundo a autora, os segmentos articulados por *mas* estabelecem uma relação de desigualdade argumentativa, na qual o segundo segmento tende a assumir maior peso interpretativo na orientação do enunciado.

Nesse sentido, o conector *mas* estabelece uma relação entre segmentos discursivos que se organizam com base em diferentes graus de contraste, os quais podem variar desde uma desigualdade pouco marcada até relações mais intensas de oposição, contrariedade ou rejeição. Como observa Neves (2000), essas relações podem situar-se em uma zona semântica gradativa, que vai do contraste mais tênue até formas mais fortes de negação ou substituição argumentativa.

Castilho (2010) também destaca que, nas construções adversativas, o segundo segmento frequentemente contraria ou restringe expectativas geradas pelo primeiro. Nesse processo, o conector atua como um elemento que sinaliza ao interlocutor a necessidade de reinterpretar ou ajustar a interpretação do segmento anterior.

Essas observações evidenciam que o funcionamento do conector *mas* não se limita à simples oposição entre orações, mas

envolve processos mais complexos de organização argumentativa e de orientação interpretativa no discurso.

Marcadores estruturantes do discurso e persistência semântica

Estudos recentes sobre organização discursiva e mudança construcional têm descrito certos conectores textual-discursivos a partir do conceito de marcadores estruturantes do discurso (MEDs). Traugott (2022), ao analisar itens como *but*, *all the same* e *instead*, descreve esses elementos como unidades linguísticas responsáveis por organizar relações entre segmentos discursivos e por orientar o processamento interpretativo do texto.

Nessa perspectiva, tais elementos podem ser representados esquematicamente por meio da estrutura D1 – MED – D2, na qual o marcador explicita a relação discursiva estabelecida entre dois segmentos e indica como o segundo deve ser interpretado em relação ao primeiro. No presente estudo, essa configuração é reinterpretada em termos argumentativos como P – MED – Q, aproximando-se do modelo proposto por Anscombe e Ducrot (1983) para as construções com *mas*.

Ao discutir o funcionamento dos conectores contrastivos, Traugott (2022) revisita diferentes propostas da literatura que procuram explicar a natureza do contraste no discurso, entre elas abordagens que o associam ao cancelamento de inferências (Winograd, 1976), ao choque de expectativas discursivas (Sweetser, 1990) e à atuação de marcadores discursivos com significado nuclear de contraste (Fraser, 2009). A autora observa, contudo, que tais abordagens tendem a localizar o contraste principalmente no item lexical, enquanto sua proposta busca explicá-lo no nível da organização construcional do discurso.

Nesse quadro teórico, o contraste não é entendido como propriedade exclusiva de um marcador específico, mas como parte de um subesquema discursivo que estrutura a relação

entre dois segmentos. Esse subesquema é representado como [[D1] Contrast [D2]], no qual o segundo segmento é interpretado em relação ao primeiro por uma reorientação inferencial. Como afirma Traugott (2022, p. 123), “*From a constructional perspective, the meaning [contrast] is inherited as a discourse function from the [D1 Contrast D2] frame*”³.

Essa perspectiva permite compreender por que diferentes unidades linguísticas podem instanciar relações contrastivas semelhantes na organização do discurso. Esse é o caso de *acontece que*, cuja origem lexical remonta ao verbo *acontecer*, mas que, em determinados contextos discursivos, passa a atuar como conector responsável por introduzir uma informação que altera ou redefina enfaticamente o enquadramento interpretativo estabelecido anteriormente.

Essa mudança funcional pode ser explicada à luz do princípio da persistência, proposto por Hopper (1991), segundo o qual traços da semântica lexical original de um item tendem a permanecer ativos mesmo após processos de mudança funcional. No caso de *acontece que*, a noção de evento ou ocorrência associada ao verbo *acontecer* permanece parcialmente presente, contribuindo para o efeito discursivo de introdução de um fato relevante — frequentemente interpretado como inesperado — que modifica o enquadramento interpretativo previamente construído.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza descritivo-analítica, com foco no funcionamento discursivo de conectores textual-discursivos de contraste no português contemporâneo. O *corpus* utilizado foi extraído do *Corpus NOW* (*News*

3 “Em uma perspectiva construcional, o significado de contraste é herdado como função discursiva do enquadramento [D1 Contrast D2]”, tradução nossa.

on the Web), base composta por textos jornalísticos publicados em diferentes veículos de imprensa. A escolha desse *corpus* justifica-se pela ampla disponibilidade de dados autênticos do português contemporâneo e pela diversidade de gêneros do domínio jornalístico.

Para este artigo, foram selecionadas dez ocorrências, sendo cinco casos do conector *mas* e cinco de *acontece que*. O Quadro 1 apresenta as fontes das ocorrências analisadas, extraídas do *Corpus NOW (News on the Web)* do projeto *Corpus do Português*.

Quadro 1 – Ocorrências analisadas

EX.	CONECTOR	FONTE
1	acontece que	Conjur
2	acontece que	Notícias Concursos
3	acontece que	Estadão
4	acontece que	OTV Foco
5	acontece que	El País
6	mas	Diário de Pernambuco
7	mas	O Globo
8	mas	O Povo
9	mas	Metrópoles
10	mas	Diário de Pernambuco

Fonte: elaboração própria.

Em razão dos limites de espaço deste artigo, não são transcritas e discutidas individualmente todas as ocorrências da amostra. Assim, apresentam-se em detalhe quatro ocorrências representativas do *corpus* duas de cada conector — e, em seguida, sintetizam-se os padrões de funcionamento observados nos demais casos.

Essa opção metodológica permite explicitar o procedimento analítico adotado e, ao mesmo tempo, privilegiar a identificação de regularidades estruturais e funcionais associadas aos conectores investigados, evidenciando os efeitos discursivos recorrentes produzidos por essas unidades na organização das relações de contraste no texto.

Ressaltamos que, para fins analíticos, a estrutura D1 – MED – D2, apresentada por Traugott (2022), é reinterpretada no presente estudo como P – MED – Q, adaptação que permite aproximar o modelo dos MEDs da estrutura argumentativa *P mas Q* descrita por Anscombre e Ducrot (1983). Nessa perspectiva, o segmento precedente (P) corresponde ao enquadramento discursivo inicial, enquanto o segmento subsequente (Q) introduz uma informação que reorienta ou redefine a interpretação do primeiro segmento, configurando a relação de contraste que constitui o foco deste estudo.

A análise das ocorrências considera, portanto, os seguintes aspectos: (i) a identificação dos segmentos D1 (P) e D2 (Q) articulados pelo conector; (ii) a posição estrutural ocupada pelo marcador no interior do texto; e (iii) os efeitos discursivos produzidos pela relação estabelecida entre os segmentos. Com base nesses critérios, busca-se descrever de que modo os conectores *mas* e *acontece que* atuam na organização de relações de contraste e na reorientação argumentativa do discurso.

Análise dos dados

A análise inicia-se pelo conector *mas*, tradicionalmente descrito na literatura como o elemento prototípico de expressão do contraste no português. Conforme discutido por Neves (2000), esse conector estabelece uma relação de desigualdade argumentativa entre os segmentos que articula, permitindo que o segundo segmento contrarie ou reorienta as expectativas geradas pelo primeiro.

Nos dados examinados, observa-se que as construções com *mas* e *acontece que* apresentam, em linhas gerais, uma mesma estratégia discursiva básica, frequentemente associada a um efeito de suspense informacional. Nesse tipo de organização discursiva, o locutor apresenta inicialmente um segmento que estabelece determinado enquadramento interpretativo e, em seguida, introduz um conector responsável por preparar a entrada de um novo segmento que redefine ou redireciona a interpretação do primeiro.

Essa estratégia caracteriza-se, portanto, pela apresentação inicial de um enquadramento informacional seguido da introdução de um segmento que assume maior peso interpretativo no desenvolvimento do texto. É nesse segundo segmento que se encontra o argumento discursivamente mais forte, responsável por produzir o efeito de contraste, entendido aqui como uma forma de reorientação argumentativa em relação ao enquadramento estabelecido anteriormente.

Embora os conectores analisados compartilhem essa mesma estratégia discursiva geral, os dados revelam que *mas* e *acontece que* se especializam em contextos discursivos distintos, apresentando diferenças quanto à posição estrutural que ocupam no texto e quanto aos efeitos de sentido que produzem na progressão discursiva.

O conector mas

Nos dados analisados, o conector *mas* apresenta o comportamento prototípico descrito na literatura para a expressão do contraste no português. Conforme aponta Neves (2000), esse conector estabelece uma relação de desigualdade entre os segmentos que articula, fazendo com que o segundo segmento assumam maior peso interpretativo na progressão do texto.

À luz da perspectiva construcional proposta por Traugott (2022), esse funcionamento pode ser interpretado como uma

instanciação do subesquema discursivo [[D1] Contrast [D2]], no qual o contraste não reside exclusivamente no conector, mas na configuração discursiva que articula os dois segmentos. Nesse enquadramento, o conector atua como elemento responsável por explicitar a relação contrastiva entre os segmentos e orientar o processamento interpretativo do enunciado.

Nas ocorrências examinadas, observa-se que *mas* aparece predominantemente articulando segmentos no interior do período, estabelecendo uma relação direta entre duas porções do enunciado. Nesses casos, o primeiro segmento introduz um enquadramento informacional ou avaliativo que conduz o leitor a determinada expectativa interpretativa, enquanto o segmento introduzido por *mas* redefine ou restringe essa expectativa.

Essa relação de contraste pode assumir diferentes nuances semânticas, conforme já observado por Neves (2000), que identifica valores como contraposição e eliminação ou restrição de expectativas associadas ao segmento precedente. Nos exemplos analisados, o conector *mas* atua, frequentemente, introduzindo um segmento que limita ou relativiza a interpretação do primeiro, produzindo um efeito discursivo em que o segundo segmento passa a orientar a interpretação global do trecho.

Outro aspecto que se destaca nas ocorrências examinadas diz respeito à posição estrutural ocupada pelo conector no texto. Em grande parte dos casos, *mas* aparece articulando segmentos dentro do mesmo período, o que evidencia seu funcionamento como conector fortemente associado à articulação microestrutural do discurso (Koch; Elias, 2016). Essa posição favorece a construção de contrastes diretos entre duas informações apresentadas em sequência imediata, contribuindo para a progressão argumentativa do texto.

Assim, os dados analisados confirmam o caráter prototípico de *mas* como conector de contraste no português, instanciando o subesquema discursivo [[D1 Contrast D2]] descrito por Traugott

(2022) e atuando na organização de relações em que o segundo segmento redefine ou reorienta o enquadramento interpretativo estabelecido pelo primeiro.

A seguir, apresentam-se exemplos que ilustram o funcionamento do conector *mas* nos dados analisados.

- (1) O eleitor de centro defende uma rigidez fiscal, *mas* não dá as costas à necessidade de programas sociais que beneficiem os mais carentes.

Nesse trecho, observa-se a seguinte configuração discursiva:

D1: O eleitor de centro defende uma rigidez fiscal.

MED: *mas*

D2: não dá as costas à necessidade de programas sociais que beneficiem os mais carentes.

O primeiro segmento (D1) apresenta uma caracterização do eleitor de centro associada à defesa da rigidez fiscal. Essa formulação tende a ativar no leitor um conjunto de inferências relacionadas a posições econômicas mais restritivas, frequentemente associadas à redução do papel do Estado em políticas sociais. O conector *mas* introduz, então, o segundo segmento (D2), no qual essa inferência potencial é parcialmente revista. Ao afirmar que o eleitor de centro “não dá as costas à necessidade de programas sociais que beneficiem os mais carentes”, o enunciado mantém o conteúdo do primeiro segmento, mas o reinterpreta por meio de uma informação que limita seu alcance interpretativo.

O contraste constrói-se, assim, não como oposição absoluta entre duas posições incompatíveis, mas como um ajuste argumentativo que reconfigura a leitura inicial do enunciado. O segundo segmento assume maior peso interpretativo na orientação do enunciado, relativizando a expectativa construída em D1 e conduzindo o leitor a uma interpretação mais complexa da posição descrita.

Esse funcionamento corresponde ao padrão argumentativo descrito por Anscombre e Ducrot (1983) para as construções do tipo *P mas Q*, nas quais o segundo segmento reorienta o percurso interpretativo sugerido pelo primeiro. No plano semântico-discursivo, trata-se de um caso de contraposição moderada, em que o conteúdo de D2 não nega o de D1, mas introduz uma restrição interpretativa que redefine o enquadramento argumentativo do enunciado.

- (2) A compra de uma arma de fogo é simples [...]. *Mas* para adquirir o silenciador é preciso pagar um imposto de 200 dólares.

A configuração discursiva pode ser representada da seguinte forma:

D1: A compra de uma arma de fogo é simples.

MED: *mas*

D2: para adquirir o silenciador é preciso pagar um imposto de 200 dólares.

No primeiro segmento (D1), o enunciado constrói a ideia de que a aquisição de uma arma de fogo ocorre de maneira relativamente simples, sugerindo um cenário de facilidade ou baixa burocratização no acesso a esse tipo de produto. Esse enquadramento inicial tende a projetar a expectativa de que o processo de obtenção de itens relacionados com o armamento siga o mesmo padrão.

O segmento introduzido por *mas* introduz, contudo, uma informação que limita essa generalização ao indicar que a aquisição de um acessório específico — o silenciador — exige o pagamento de um imposto elevado. Nesse contexto, o contraste não se estabelece como oposição direta entre duas avaliações incompatíveis, mas como uma restrição ao alcance da afirmação inicial.

O efeito discursivo resulta da passagem entre uma formulação de caráter mais geral (“a compra de uma arma de fogo é simples”) e a introdução de uma informação que delimita essa leitura,

mostrando que determinados elementos associados ao mesmo domínio não seguem a mesma lógica de facilidade. Assim, o segundo segmento introduzido por *mas* atua como elemento responsável por ajustar o enquadramento interpretativo estabelecido em D1, conduzindo o leitor a uma interpretação mais precisa da situação descrita.

Esse tipo de configuração corresponde ao valor de restrição descrito por Neves (2000) para o conector *mas*, em que o segundo segmento introduz uma informação que limita ou relativiza o alcance interpretativo da afirmação precedente. Mais uma vez, observa-se a instanciamento do subesquema [[D1 Contrast D2]] (Traugott, 2022), no qual o segundo segmento altera inferências potencialmente derivadas do primeiro.

Síntese dos demais exemplos

Os demais exemplos do *corpus* apresentam comportamento semelhante. Em todos eles, o conector *mas* articula dois segmentos em que o primeiro estabelece um enquadramento inicial e o segundo introduz uma informação que restringe ou reorienta sua interpretação. O conector ocorre predominantemente no interior do período, evidenciando seu papel na organização microestrutural do discurso (Koch; Elias, 2016). Nesse contexto, o segmento introduzido por *mas* assume maior peso argumentativo, ajustando inferências projetadas a partir do segmento precedente e instanciando o subesquema contrastivo [[D1 Contrast D2]] descrito por Traugott (2022), em consonância com o comportamento prototípico do conector adversativo no português (Neves, 2000).

O conector acontece que

Diferentemente do conector *mas*, que constitui o marcador prototípico de contraste no português, a construção *acontece que*

apresenta um comportamento discursivo distinto nos dados analisados. Embora também possa introduzir uma reorientação interpretativa em relação ao segmento precedente, esse elemento não pertence originalmente ao conjunto dos conectores adversativos da língua, uma vez que deriva do verbo *acontecer*, associado lexicalmente à noção de ocorrência ou evento.

À luz da perspectiva construcional proposta por Traugott (2022), esse funcionamento pode ser interpretado como uma instanciização não prototípica do subesquema discursivo [[D1 Contrast D2]], no qual o contraste não está localizado no item isolado, mas na configuração discursiva que articula os dois segmentos. Nesse caso, o contraste emerge da relação construída entre os segmentos discursivos, sendo interpretado pelo leitor a partir da organização informacional do enunciado.

Nos dados do *corpus*, observa-se que *acontece que* tende a ocorrer com maior frequência no início de períodos ou parágrafos, introduzindo um novo segmento discursivo que altera ou redireciona o enquadramento interpretativo estabelecido anteriormente no texto. Essa posição estrutural distingue esse conector do comportamento tipicamente microestrutural observado para *mas*, aproximando-o de níveis mais amplos de organização discursiva (Koch; Elias, 2016).

Além disso, como já discutido na seção teórica, o conector *acontece que* preserva traços da semântica lexical do verbo *acontecer*, especialmente a associação com a introdução de um evento ou fato que se impõe como relevante no desenvolvimento do texto. Nos dados analisados, essa persistência semântica manifesta-se no fato de o segmento introduzido por *acontece que* frequentemente apresentar uma informação que modifica ou redireciona o enquadramento interpretativo previamente construído, produzindo um efeito enfático de reorientação discursiva.

- (3) O governo vinha tentando aprovar a medida havia meses no Congresso. *Acontece que* parte significativa da base aliada passou a demonstrar resistência à proposta.

A configuração discursiva pode ser representada da seguinte forma:

D1: O governo vinha tentando aprovar a medida havia meses no Congresso.

MED: *acontece que*

D2: parte significativa da base aliada passou a demonstrar resistência à proposta.

No primeiro segmento (D1), o enunciado apresenta uma situação em desenvolvimento: o governo vinha tentando aprovar a medida havia meses no Congresso. A construção verbal “vinha tentando” sugere continuidade do esforço político e projeta a expectativa de que o processo legislativo esteja em curso, possivelmente encaminhando-se para um desfecho favorável.

O segmento introduzido por *acontece que* altera essa leitura ao trazer à cena um elemento do cenário político que interfere diretamente nesse processo: a resistência de parte significativa da base aliada. Nesse contexto, o conector introduz uma informação que desloca o foco da narrativa, passando do esforço do governo para o comportamento de um ator político cuja posição compromete o avanço da proposta.

Diferentemente de uma construção com *mas*, que tenderia a estabelecer uma contraposição direta entre duas avaliações ou estados de coisas, o uso de *acontece que* enquadra o segundo segmento como a revelação de um elemento do contexto político que explica a dificuldade enfrentada pelo governo. O contraste emerge, assim, da reinterpretação do processo descrito em D1: o que inicialmente aparece como tentativa persistente de aprovação passa a ser lido, à luz da informação introduzida em D2, como

um processo bloqueado por resistência interna na própria base de apoio.

- (4) O plano parecia viável do ponto de vista financeiro. *Acontece* que os custos operacionais cresceram muito mais do que o previsto.

A estrutura pode ser representada da seguinte forma:

D1: O plano parecia viável do ponto de vista financeiro.

MED: *acontece que*

D2: os custos operacionais cresceram muito mais do que o previsto.

Nesse trecho, o primeiro segmento constrói um enquadramento interpretativo positivo ao indicar que o plano parecia financeiramente viável. Esse tipo de formulação projeta a expectativa de que a avaliação apresentada será confirmada ou mantida no desenvolvimento do texto.

O segmento introduzido por *acontece que*, contudo, não se apresenta apenas como um contra-argumento em relação a essa avaliação. O conector introduz um fato específico — o crescimento inesperado dos custos operacionais — que altera o cenário previamente estabelecido. Assim, o contraste não se estabelece por oposição direta entre duas avaliações, como ocorreria tipicamente em construções com *mas*, mas pela introdução de uma informação factual que se impõe no encadeamento discursivo e reconfigura a interpretação do quadro apresentado em D1.

Nesse exemplo, observa-se que o conteúdo de D2 é apresentado como a revelação de um elemento decisivo para a compreensão da situação descrita. O efeito contrastivo decorre, portanto, da passagem entre um enquadramento inicial aparentemente estável (“o plano parecia viável”) e a apresentação de um fato que modifica essa leitura (“os custos operacionais cresceram muito mais do que o previsto”). É precisamente essa dinâmica que

diferencia o funcionamento de *acontece que* das construções com *mas*: enquanto o segundo tende a marcar uma oposição argumentativa direta entre segmentos, *acontece que* introduz frequentemente uma informação que redefine o quadro interpretativo do discurso.

Síntese dos demais exemplos

Os demais exemplos do *corpus* apresentam comportamento semelhante. Em todos os casos, a construção *acontece que* introduz um segmento discursivo responsável por alterar ou redirecionar o enquadramento interpretativo estabelecido anteriormente. Diferentemente do conector *mas*, cujo funcionamento se associa predominantemente à articulação microestrutural entre segmentos contíguos do período, *acontece que* tende a operar em níveis mais amplos da organização textual, frequentemente introduzindo um novo movimento discursivo no desenvolvimento do texto.

Assim, os dados analisados indicam que *acontece que* pode ser interpretado como um conector de contraste não prototípico, que instancia o mesmo subesquema discursivo [[D1 Contrast D2]], mas produzindo um efeito discursivo específico associado à introdução de um evento ou fato relevante que altera as expectativas construídas no segmento precedente. Esse funcionamento evidencia o papel da persistência semântica do verbo *acontecer* na configuração discursiva da construção.

Conclusão

O presente estudo analisou o funcionamento dos conectores *mas* e *acontece que* na organização de relações contrastivas no discurso, tomando como base dados provenientes do domínio jornalístico. A análise foi orientada pela articulação entre

diferentes perspectivas teóricas: a noção de articuladores textuais proposta por Koch e Elias (2016), a abordagem argumentativa das construções do tipo P *mas* Q desenvolvida por Anscombre e Ducrot (1983), a descrição semântico-funcional do conector *mas* em Neves (2000) e a proposta construcional de marcadores estruturantes do discurso apresentada por Traugott (2022).

Os resultados indicam que o conector *mas* apresenta comportamento prototípico na expressão do contraste, instanciando diretamente o subesquema discursivo [[D1 Contrast D2]], no qual o segundo segmento assume maior peso interpretativo na orientação argumentativa do enunciado. Nos dados analisados, esse funcionamento manifesta-se predominantemente na articulação microestrutural entre segmentos do mesmo período, produzindo efeitos de contraposição ou restrição em relação ao enquadramento interpretativo estabelecido no primeiro segmento.

Por sua vez, a construção *acontece que* também pode ser interpretada como uma instanciação desse mesmo subesquema contrastivo, ainda que de forma não prototípica. Diferentemente de *mas*, esse conector apresenta origem lexical no verbo *acontecer* e tende a ocorrer em posições discursivas mais amplas, frequentemente no início de períodos ou parágrafos. Nesse contexto, o contraste não se estabelece por oposição direta entre conteúdos, mas pela introdução de um evento ou fato inesperado que altera o enquadramento interpretativo previamente construído no texto.

A análise evidencia, portanto, que diferentes unidades linguísticas podem desempenhar funções semelhantes na organização das relações contrastivas do discurso, ainda que apresentem comportamentos estruturais e efeitos pragmáticos distintos. Nesse sentido, a comparação entre *mas* e *acontece que* permite observar como conectores prototípicos e não prototípicos podem instanciar o mesmo subesquema discursivo de contraste, ao mesmo tempo em que revelam diferentes estratégias de orientação interpretativa no desenvolvimento do texto.

Contrast in discourse: *mas* and *acontece que* at the interface between argumentation and DSMs

ABSTRACT: This article examines the functioning of the connectors *mas* and *acontece que* in the organization of contrastive relations in discourse, based on data drawn from the journalistic domain. The study articulates different theoretical perspectives, including the notion of textual articulators (Koch; Elias, 2016), the argumentative approach to P but Q constructions (Anscombre; Ducrot, 1983), the semantic-functional description of the connector *mas* (Neves, 2000), and the constructional proposal of discourse structuring markers (Traugott, 2022). Methodologically, the analysis adopts the structural representation D1 – connector – D2, which allows examination of how different linguistic units organize argumentative progression in discourse. The results show that *mas* functions as a prototypical contrast connector, typically linking segments within the same sentence and assigning greater interpretive weight to the second segment. In contrast, the construction *acontece que* instantiates the same contrastive subschema in a non-prototypical way, frequently introducing an event or fact that reconfigures the interpretive frame previously established in the discourse. The findings highlight how connectors of different grammatical origins may perform similar discourse-organizing functions while producing distinct pragmatic effects.

KEYWORDS: discourse connectors; contrast; *mas*; *acontece que*; discourse structuring markers.

REFERÊNCIAS

- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelas: Mardaga, 1983.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FRASER, Bruce. An account of discourse markers. *International Review of Pragmatics*, v. 1, p. 293–320, 2009.
- HOPPER, Paul J. *On some principles of grammaticalization*. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (org.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17–35.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual: análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Discourse structuring markers: the development of but, instead and all the same*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.
- WINOGRAD, Terry. *Understanding natural language*. New York: Academic Press, 1976.